

EDITORIAL

Dossiê *O Mediterrâneo Antigo e suas conexões africanas – entre narrativas, conexões e identidades.*

Gilberto da Silva Francisco¹

Artigo recebido em 29 de julho de 2025

Artigo aceito em 12 de junho de 2025

As tradicionais abordagens da História Antiga como um campo que trataria exclusivamente ou prioritariamente uma experiência original de sociedades ocidentais e/ou europeias são objeto de amplo debate e intensas críticas atualmente. A despeito de frequentes equivalências entre Mediterrâneo e Europa, desde a segunda metade do século XX, pensa-se de forma mais consistente em configurações narrativas que integram o elemento asiático (muitas vezes apresentado como “oriental”) e o africano. Além das importantes críticas à orientação excessivamente europeia da compreensão dos fenômenos históricos no Mediterrâneo antigo, e a redefinição conceitual de determinados objetos (por exemplo, o debate sobre a noção de “Oriente Próximo”, a busca por novas denominações como “Ásia Ocidental” e a associação do Egito antigo com a África), tais iniciativas favorecem uma compreensão um pouco mais inclusiva da história do Mediterrâneo antigo. Assim, observa-se a criação e consolidação de interpretações alternativas ressaltando a complexidade e variedade de experiências mediterrânicas, observadas a partir de pontos de vista africanos, asiáticos e, ainda, a partir da compreensão de uma territorialidade afroeurasiática.

¹Graduando em História na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e bolsista de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação do Professor Doutor Gilberto da Silva Francisco. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0805-9348>

¹ Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9615-4922>

Nesse sentido, apesar de haver, por um lado, um efetivo engajamento na contraposição da hierarquia tradicional que consolidou a Europa como herdeira direta do patrimônio “clássico”, “greco-romano”; e, por outro, uma busca de novos centros originais “civilizatórios” (situados, desta vez, na África ou na Ásia), o grande ganho desse debate parece ser a observação da complexidade da experiência histórica desenvolvida no Mediterrâneo antigo, e que ela pode ser observada de forma integrada ou a partir de pontos de vistas específicos. A História Antiga tradicional, que foi constituída a partir de uma ótica principalmente europeia, passa a dividir espaço com outros “pontos de vista”. Observar tais dinâmicas históricas sob um prisma africano (a partir da agência africana ou dos discursos produzidos sobre eles) é uma estratégia interessante de contribuição para uma abordagem multivocal da História Antiga. Este é o objetivo nesta edição da revista *Mythos*, cujo dossiê é intitulado *O Mediterrâneo Antigo e suas conexões africanas – entre narrativas, conexões e identidades*.

Neste dossiê, como temática geral, o Egito foi o objeto do maior número de reflexões dos autores, o que nos indica o consistente interesse em discutir a antiguidade egípcia, tema disputado entre egiptólogos “orientalistas” e “afrocêntricos”: o “Egito antigo” ora como parte de dinâmicas prioritariamente mediterrânicas e asiáticas/orientais; ora como parte da formação das populações negro-africanas. Há, no dossiê, contribuições mais diretamente associadas ao próprio campo da Egiptologia, mas também aquelas que propuseram uma observação sobre a experiência egípcia antiga a partir dos contatos e perspectivas de outros povos (Egito como espaço provincial no Império Romano, cristianismo no Egito, relações entre o Egito e Creta, a visão grega sobre os egípcios, e uma cidade grega no Egito). Assim, as contribuições preferiram lidar com as conexões e percepções relacionadas ao Egito em ambiente mais variado e apesar de serem notados alguns ecos afrocêntricos sobre o tema, tal como as polêmicas “raciais” envolvidas nesse tema. Outras contribuições apresentam, em menor número, diferentes sociedades africanas a partir da lógica do contato: o diálogo entre Axum e Israel e o discurso sobre os garamantes em espaço provincial romano. Há, ainda, uma contribuição que, tratando do Iorubo, alarga a compreensão da África Antiga para além da periodização da História Antiga tradicional, propondo certa equivalência entre África Antiga e África pré-colonial. Vejamos, na sequência, mais detalhadamente as propostas das contribuições do dossiê.

No artigo *Análise comparativa entre a Capela Vermelha de Hatshepsut e o Templo de Speos Artemidos no antigo Egito*, Alanna Vanessa Mendes Moreira e Renata Cristina de Sousa Nascimento discutem, a partir do discurso político e religioso, monumentos construídos pelo faraó Hatshepsut, cotejando informações sobre a Capela Vermelha (em Karnak) e o Templo de Speos Artemidos. Em *"Imperecível estrela": poder e propaganda no governo de Hatshepsut (1479-1458 AEC)*, Randara dos Santos Barboza comenta o projeto arquitetônico e urbanístico do faraó Hatshepsut, retomando a questão da propaganda política e o exemplo da Capela Vermelha, além de um dos obeliscos localizados no complexo templário de Karnak. Já no texto *O perfil "racial" dos antigos egípcios e o DNA recém-sequenciado*, Gustavo H. Sartin e Scheila Rotondaro Koch tratam do recente sequenciamento completo do genoma de um homem egípcio que viveu no período pré-dinástico tardio ou no início do Antigo Império.

Explorando as relações entre os egípcios e egeanos na Idade do Bronze, o artigo *Conexões no Mediterrâneo oriental: Egito e Creta no Bronze Médio e início do Bronze Tardio (2000-1400 a.C.)* de Maria Thereza David João, aborda a questão a partir das relações entre História Global sobre a História Antiga, buscando compreender as interações entre Egito e Creta naquele contexto. Sobre uma época posterior, mas retomando a questão do contato no Mediterrâneo oriental, no texto *Grega ou egípcia? a composição étnica de Náucratis: o debate entre os séculos XVIII e XXI*, de Leonardo Wesley dos Santos, é abordado um espaço marcado pelo contato entre comunidades gregas e egípcias no Delta do Nilo, considerando o problema étnico naucratita como tratado no debate acadêmico entre os séculos XIX e XXI. Ainda explorando as conexões entre gregos e egípcios no Mediterrâneo oriental considerando o problema da identidade étnica, João Gabriel Artioli Pinto, no texto *A visão grega sobre os egípcios no século V a.C.: uma análise da alteridade n'As Suplicantes de Ésquilo*, apresenta a perspectiva grega sobre os egípcios explicitada no contexto da tragédia ática.

Ainda tratando do Egito, o texto *As imagens dos mortos: as identidades dos retratos funerários no Egito romano*, de Jéssica Ladeira Santana, discute o problema das identidades da elites nos retratos funerários no Egito em contexto romano provincial, mais especificamente no século II d.C. E o texto *O Mediterrâneo antigo e suas conexões africanas: narrativas, conexões e identidades no cristianismo egípcio e*

na memória cultural, de Vitor Emanuel Correa de Mesquita e Leonardo dos Santos Silveira, discute o lugar do Egito na composição de elementos específicos do cristianismo, tal como a identidade copta, ressaltando a característica africana desse processo.

Considerando outras formas de conexões, alguns artigos discutem diferentes configurações de contatos para além do Egito. Por exemplo, o texto *Memória e prestígio no espaço doméstico afro-romano: o suplício dos garamantes no mosaico de Zliten (séc. I-II)*, de Belchior Monteiro Lima Neto e Edjalma Nepomoceno Pina, trata da representação da execução pública de garamantes no mosaico de uma vila próxima a Lepcis Magna e seu significado para a memória das elites locais, reforçando a percepção de triunfo sobre aqueles considerados bárbaros. Além disso, o texto também trata da relevância política, comercial e cultural dos garamantes, revelada pela Arqueologia. No texto *Entre Jerusalém e Axum: judeus etíopes e cristianismo na Antiguidade*, de Deniro Duarte Machado, são tratadas as conexões históricas, culturais e religiosas entre Jerusalém e o Reino de Axum, a presença judaica na Etiópia antiga e sua posterior transição para o Cristianismo. O texto discorre, dessa forma, sobre a figura do Beta Israel (o judeu etíope), sobre o judaísmo enraizado no contexto africano, reconhecendo a Etiópia como espaço histórico de diálogo inter-religioso e de agência africana.

Por fim, é devido ressaltar a contribuição intitulada *Os Intelectuais no Iorubo Pré-Colonial: Poder Ideológico e Ontologia*, de Jorge Henrique Almeida de Jesus, que se concentra no Iorubo, situado onde hoje são a Nigéria e o Benim, destacando o poder exercido pelos intelectuais como os babalaôs. O texto é mais sensível à equivalência entre a noção de “África antiga” e “Pré-colonial” e, dessa forma, apresenta uma diferente configuração do debate, proporcionando reflexões para além das relações entre África e “História Antiga”, apresentando uma compreensão alternativa sobre a “África antiga”.

Desejamos a todos uma boa leitura.